

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

NOTAS DA QUINZENA

Nada houve de extraordinario n'esta quinzena e não temos que extranhar attendendo á falta de vida do nosso pequeno meio.

Com vicio e crime não nos occuparemos hoje e, francamente, causa-nos asco todas as vezes que somos obrigados a escrever sobre estes dois horribéis parasitas sociaes.

Trataremos, pois, de assumpto que, se tirassemos d'elle fructo necessario, seria o perfeito antidoto contra a desmoralisação social.

Está provado que a instrucção é o caminho seguro para a felicidade dos povos, se bem que, infelizmente, a este respeito, pouco podemos dizer da nossa formosa terra.

Temos algumas pessoas de capacidade reconhecida na litteratura, cujos nomes são assaz conhecidos e porisso os omitimos, mesmo porque o fim d'estas notas não é alcançar os que se conhecem mas lembrar intelligencias e dons nativos, simplesmente nativos.

Temos na arte de entalhar o sr. João Alves da Silva que tem evidenciado, muitas vezes, a sua habilidade natural. Não podemos fazer uma critica aos seus trabalhos. Tinhamos de attender não ao *bonito*, como muita gente, mas sim á *afinação* do estylo da ornamentação—romano, gothico, renascença, antigo ou moderno, Luiz XIV, Luiz XVI, Henrique IV, manuelino, bisantino, grego, arabe e muitos outros. Mas que nos diria elle, desconhecedor? Assim registamos o homem como artista de grande merecimento, simplesmente prejudicado pela falta de escola.

Temos o nosso collega de redacção João Chrysostomo que tem salientado muitas vezes a sua competencia na pintura artistica.

Fomos ver duas esculpturas pintadas por elle e que estão na Ordem Terceira. Uma belleza de trabalho! Conhece-se n'ellas a arte. Trata-se da imagem do Crucificado, no altar de S. Francisco e a imagem do Coração de Maria. Na primeira nota-se uma expressão amavel e piedosa a resaltar do seu rosto formoso e o *tom chair* da escola franceza é rigorosamente observado; na segunda a pintura é tão diaphana, tão mimosa, tão suave á vista que não ha n'ella aquella dureza de tons imposta em quasi todas as imagens dos nossos templos, com uns coloridos compostos de cores *cruas e duras*, chammejantes a ponto de ferir a vista em vez de a deliciar.

Como artista de bastante valor ainda temos o sr. Francisco José da Silva Barreta.

Conhece rasoavelmente o que é uma ordem de architectura e suas ornamentações, que põe em pratica com muito mimo, perfeição e naturalidade.

Temos tido occasião de apreciar seus trabalhos e somos obrigados a confessar que sabe onde deve empregar o astragallo, o tóro, o cimasió ou qualquer dos muitos ornamentos ou molduras que Barrozzio de Vignóla, Betruvio e outros tanto estudaram para nos fornecer á nossa vista e estudo essas grandes maravilhas da arte architectonica.

Sobre vocações muzicaes nada diremos, em vista do nosso sympathico collaborador C. se encarregar d'essa missão.

Muitos rapazes, creanças ainda, conhecemos que mostram muita intelligencia para as artes.

Infelizmente estas creanças amanhã perderão esse dom natural, esse facho de vida verdadeira, devido aos funestos e fataes exemplos do vicio e do crime ficando para sempre aniquilados e porisso isemptos de ter entrado no grande palacio do bom e do bello.

Quem tem a responsabilidade d'estes factos?

Quem não promove a instrucção, quem não dá principio a uma escola e quem não educa a sociedade barcellense na arte, para apreciar melhor e com dedicação os nossos pequenos artistas para que elles se encoragem e ganhem gosto pelo seu ideal, fazendo por se aperfeiçoar cada vez mais e incitando assim o gosto dos outros, seguimento este que podia dar muito bem a regeneração industrial, artistica e social e por consequencia—riqueza e vida alegre ao nosso pequeno e querido meio.

Qual a dama mais formosa de Barcellos?

Era assim explicito o plebiscito aberto pela commissão promotora da exposicão de flores.

A eleição foi renhida, renhidissima; houve menino que fez scena triste de galopinagem para que a sua amada alcançasse maior votação.

Dandysações...

Ora o mais irrisorio é que a dama aclamada como primeira belleza não é natural d'aqui.

A quarta, a exin.^a sr.^a D. Arminda Cunha, é, das barcellenses a mais votada, a quem cabem as honras da primeira belleza da nossa terra.

O seu a seu dono.



As bruxas, como o Judeu Errante, encontram-se em toda a parte. Barcellos tambem tem d'esta fazenda.

Ultimamente, proximo do Apoio, abriu-se mais um consultorio onde pela cartomancia e artes correlativas se advinha o futuro. Mas esta não é como as demais bruxas, d'aquellas que, dizia Apollonio de Tyana «atravez do corpo em ruínas, a alma contempla o espaço e o tempo». É uma rapariga nova, guapa, bem fornida de carnes, alta, espadada. É mais um progresso. Ainda ha bem poucos annos uma bruxa era um typo repellente de mulher andrajosa, melonas sedosas, a pelle da cor do pergaminho velho, e enrugada como uma passa de figo, agora, o que é a civilisação! essa figura hedionda deu logar a uma mocetona como é a *Pello roxo*.

Rodeada de varios aprestes, como o livro de S. Cypriano, uns baralhos de cartas, um fogareiro onde ardem umas brazitas, um gallo, um pucaro com ervas magicas e um copo com uma clara d'ovo, a *Pello roxo*, paciente e resignada espera a sua clientela a que desvenda grandes mysterios na santa e boa fé da crença popular.

Para um bom horoscopo não ha nada melhor do que um bom marmeleiro.

É de uma pouca vergonha, sem igual, a praga dos *pedinchões* em Barcellos. Aqui pede-se para tudo e por tudo, quer seja justo o pedido, quer não. Para compensar os prejuizos que um lavrador teve com a morte d'uma vacca; para arranjar o enxoval de um rapaz que vai embarcar; para uma missa por o sr. F. (às vezes um refinado patife) estar melhor dos callos; para uma creança ir vestida de anjinho n'uma procissão; para se comprar uma tarola para uma banda de muzica; para ir a um concerto desconcertado de dois patuscos que por ahí apparecem; para comprar gallinhas para um doente, havendo o hospital da Misericordia etc,

etc. E, para cumulo, como se já não bastassem tantos processos de aliviar a bolsa d'um parceiro que traz uns miseros cobres, na hesitação do emprego a dar-lhe, taes são as necessidades da vida, cada vez mais cara, appareceu no domingo mais um peditorio, vil e nojento. Tres pandegos pediam para pagar a multa de 2 mezes de cadeia que a um d'elles havia sido imposta!... É onde pode chegar a audacia!

De modo que um sujeito, muitas vezes conhecedor da honradez, da dignidade e da consideração pessoal só por ouvir fallar d'estas cousas, sem mais nem menos, insulta um outro, ou dá-lhe quatro pancadas. Parte para juizo, processo criminal, e como castigo tantos dias de cadeia a tanto de multa por dia. Qual castigo? Castigado, sem o merecer, foi o queixoso, castigado foi quem caiu na *esparrella* de dar a esmola para pagar a multa, castigados foram os empregados forenses que não podem receber as custas porque o multado não tem que pnhorar.

Delinquir, ossos na cadeia. É mais summario e de melhores resultados.

Agora vão começar os pedidos para as *festinhas* a S. Bento, a S. João e a quantos santos lembrar. São outros tantos focos de desordens, que dão multa de cadeia a dinheiro, e assim estunos n'um circulo vicioso. Pagamos para uma e depois para a sua consequencia. Portanto, nos peditorios é preciso mais vergonha e mais hombridade. Quem quizer festas ou não tiver juizo, que as pague do seu bolso, ou com o corpo na cadeia.

Em subscripções publicas só admittimos duas — Para uma festa tradicional que faz reviver a terra que a realisa, como a nossa das Cruzes, ou para minorar o infortunio dos indigentes distribuindo-se-lhes soccorros, como a sympathica festa dos bombeiros no dia de Reis.

Do resto, nem cinco reis.

Suspensa d'uma janella, balouçan lo-se suavemente ao doce perpassar d'uma brisa fagueira, uma cousa qualquer brincava alegre e descuidada, parecendo uma cobra á luz inleis da noite, que se coava pelas arvores do jardim. Uma das senhoras, que habitam a casa, ficou estarecida de medo e chamou a familia pedindo soccorro. Em breves instantes a casa foi abandonada, tal era o terror que apavorou aquelles peitos, e de gorgonilos para o ar todas diziam em tom assustado — é uma cobra!

Resolveram chamar o Nunes, porque como elle é da *banda di lá* tem muito conhecimento de bichas. O Nunes confirmou — Não ha que ver, é uma cobra!

Era preciso mata-la, mas ao Nunes falta-lhe altura e coragem, porisso chama-se o Contenças,

A LAGRIMA

que armado de comprida e valente vara investe com a bicha, apoitando-a fortemente, mas ella como que trocando-o mais brincava com as varadas que recebia. Parecia que aquillo era o seu comer, tão contente se mostrava.

O povinho, que já se agglomerava, commentava a seu sabor, tão estranha apparição, e dizia ao Contendas—quebra-lhe o espinhaço!

Afinal, a bicha depois de muito fustigada deixou-se cair. Um movimento de terror fez recuar toda aquella gente, que, a olho, lhe dava varios comprimentos. Um mais affeito quiz ver de perto a cobra, e com uma gargalha que ecohou por todos os mirones, mostrou a terrivel e fera bicha. Era um ourélo.

Ephemerides barcellenses no mez de maio:
1834—Dia 25—Nasce o cabelo ao armador Zacharius.

1824—26—Compra o Bento Moreira a quinta da Agrella.

1712—27—Chega a tarracha para S. Jorge.

1861—28—E' collocada a primeira pedra para o theatro Gil Vicente.

1884—29—Inaugura o Borges o americano para Espozende.

1837—31—Construe-se a estrada para Franqueira a requisição do sr. Antonio Justiniano.

1837—31—E' plantado o historico cavallo da Ponte; o engenheiro Carota traça o plano da ponte de ferro.

Os bombeiros voluntarios nunca regatearam os seus serviços, caminham lo sempre com promptidão e boa vontade, como é sabido por toda a villa, e nunca exigiram o premio dos seus trabalhos. Se algum dono de predio incendiado reconhece que os bombeiros se tornaram dignos de recompensa, a sua offerta, como a do sr. José Pereira da Quinta, entra para o cofre da Associação, e não é rateada pelos bombeiros, que apenas ficam com a consciencia tranquilla de terem praticado um acto humanitario, em troca das suas fadigas, das suas responsabilidades e dos seus prejuizos pessoais.

Ninguém ignora que o povo auxilia muito o serviço dos bombeiros, mas d'ahi a dizer-se que o pessoal da illuminação das Cruzes foi quem quasi apagou o incendio que quasi devorou o Hotel Roriz vae uma enorme distancia. Então para que trabalharam constantemente 3 agulheiras durante 3 horas? ¿Foi por mero luxo?

CARTA FANGUEIRA

Fão, mez das rosas.
Reina grande enthusiasmo pela entabulação das negociações diplomaticas entre as duas potencias da voz do Cavado. Para solemnisar tão faustoso

acontecimento projecta-se um simulacro de pesca de lagostas, no rio, com os barcos dos mais afamados pescadores das duas nacionalidades. As nymphas da cidade de Sodoma offertam por essa occasião uma penna d'ouro e um lenço de assoar ao intelligente poeta «Cantares no jardim» e as deilales de cá um par de muléas de pau do Brazil ao mavioso vate das «Somnuncias». Para Prado foi em commissão o Barão dos Pucaros encommenlar uma garganta de barro, a qual fará o successo d'um cantor-amador. Este depositou no Banco do Malto-Grosso cincoenta mil reis para as primeiras despezas. Tambem se diz que o sibusteiro Escalaplão embarcara para Cuba á procura de muléques patifes que *vistam lencas* e façam versinhos. Espera-se concorrença.

CARANGUEJO.

Telegramma.

Fão, 19, á noite—Deu-se scena pugilato pateta Waldemiro cidalão Custodio questões monetarias cambio Brazil. Auctoridade requisitou força Dragões Chaves. Ferimentos graves. Desafio. duello morte, teme-se conflicto grave.

—Fão 20, ao cantar do gallo—Muléque saccon 500 contos Banco Brazil. Parte desgostoso. Aquidaban vem baseal-o barra carregando milhão e ligio «Somnuncias», «Times» traz artigo fundo referente.

Amanhã a villa acompanha de coração a manifestação de regosijo que fazem os muzicos dos bombeiros ao seu director—João Vallongo—devida ao restabelecimento de saude d'este nosso amigo.

A redacção da «Lagrima» vae n'essas alegrias rejubilosa.

NOTICIAS DIVERSAS

N'esta redacção aceitam-se propostas, em carta fechada, ás pessoas que queiram desempenhar o papel de *Gigantas* no dia de Corpus Christi.

—Perguntam-nos de Paris em que dia se realis a festa ao Menino Deus. Ignoramos.

—A Meza de S. Chrispim resolveu, na sua ultima sessão, dar á Ilha do Penedo, sita na rua Direita de Barcellinhos, o nome do sr. Joaquim Martins, como galardão aos seus meritos de guitarrista.

—Consta nos que uma commissão de patriotas vae abrir uma subscrição para auxiliar os marchantes e vendeiros, nos prejuizos que tiveram com as festas de Cruzes.

(A «Lagrima» é o jornal de maior tiragem n'esta villa. Preço 20 reis por mez)

—Typographia da «Folha da Manhã»—

Responsavel:—João G. da Silva

«JORNAL DE VIAJENS»

E aventuras de terra e mar. Annaes geographicos de Portugal. Illustrado. Trimestre, nas provincias, 800 rs. Assigna-se na livraria Barreiros.

Está em Barcellos o *Menelique*. Não o terrível negus da Abyssinia que dizimou milhares de italianos com a mesma facilidade com que as nossas lavadeiras ceifam centeio, mas um outro que assim se assigna nas *Chronicas barcelenses* da «Voz Publica» para ver se consegue ser grande como o authenticô, cujo nome termina em *k*, segundo os linguistas.

Na sua chronica de 7, diz: «Com a suspensão da «Idéia Nova», brilhante semanario republicano, ficou Barcellos em paz e ás moscas.» E tem muita razão no que affirma. *Em paz*, porque todos tem respeito pelos mortos, e não ficou herança que originasse questões ne n sequer pelo correspondente de Lisboa. *E ás moscas* estamos nós desde que voltou de Lisboa, d'onde trouxe grande quantidade dos tres insectos.

As duas qualidades que mais o recomendam é a sua modestia e o pessimismo de tudo o que é barcelense, começando portanto pela sua propria pessoa. «Nunca tive idéia de colaborar em jornal algum de fora da terra», mas por desfastio vae chronicando semanalmente para a «Voz Publica». Das corridas de velocipedes só achou bom os corredores porque não eram de Barcellos, de resto tudo mau, serviço policial, prohibição de atravessar o campo e o preço dos bilhetes d'entrada.

Isto é o resultado de vir d'uma terra, como Lisboa, para um canto da provincia, como Barcellos. Lá é que é tudo do bom e do melhor, aqui é uma polintrice que nem sequer tem uma redacção como a do «Seculo», a loucura do nosso *Menelique*, mas... *estão verdes não prestam*... como dizia a raposa ás uvas. Contentese com o logar de chroniqueiro, e já não vae mal.

A litteratice das nossas horas vagas levou-nos ao estudo d'umas historias segundo e estylo da Historia de João de Calais, da Princeza Mangalona e outras.

Para apreciarem a importancia e o valor do nosso trabalho, vamos apresentar um capitulo da *Historia do Verboso*.

De como um filho pode matar o pae julgando que o salva.

O Verboso no ultimo dia de feira tinha jantado que nem um abbade em dia de festa rija. O seu volume abdominal tomava manifesta tendencia para a imitação de gravidez, tal era a

quantidade de iguarias armazenadas n'aquelle bandulho. A calva começava a salpicar-se de pequenas bolas d'agua que o vinho, ainda que um pouco *avinagrado*, expulsava, fazendo perfeito contraste com a junção dos dois liquidos usada pelos taberneiros.



O Verboso chegou a casa e pelo habito de comer e beber, porque é de notar que elle não é dos que comem e bebem por necessidade organica, é por habito e vicio, pediu comida e vinho. A bocca abre-se para receber o que o estomago regoita, por já não haver logar. A vista turva-se-lhe, a cabeça cae-lhe sobre um hombro, e uns sons surdos parecem dizer—Ai, que eu morro!

O filho do Verboso, verdadeiro *garroche* com aspirações a esperto corre a comprar uma medicina para curar o pae. Em vez de lhe dar umas gottas d'annouciaco dá-lhe um calix d'aquelle droga. Os calores do vinho abrandam, mas apparecem-lhe uns incommodos no ventre que o Verboso a custo aturava dando gritos lancinantes. Eram 2 horas da madrugada, julgando a foices da Morte já encostada ao seu corpo, pediu para chamarem o amigo Frincha.

—Então que é isto? pergunta o Frincha.

—Quero despedir-me de ti. Esse ladrão d'eu se rapaz matou-me. Deu-me uma coisa a beber que tenho a barriga a arder. Eu morro...

No dia seguinte, o Verboso passeiava, lepidissimo e satisfeito como se tivesse dormido toda a noite de um só somno. E' porisso que se diz—menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo...
xo==.



A 300 REIS

Publicam-se na «Lagrima», o periodico mais lido de Barcellos, annuncios e reclamos.